

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 23/04/2021.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM**

LUIZA MACHADO DOS SANTOS

**ATIVIDADE LÚDICA E DE CUIDADO:
ANÁLISE E INTERVENÇÃO NA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ**

Bauru - SP

2020

LUIZA MACHADO DOS SANTOS

**ATIVIDADE LÚDICA E DE CUIDADO:
ANÁLISE E INTERVENÇÃO NA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, área de concentração Desenvolvimento: comportamento e saúde, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues e Coorientação da Prof^a. Dr^a. M. Ángeles Jimenez Cerezo.

Bauru - SP

2020

SANTOS, L. M. **Atividade lúdica e de cuidado: análise e intervenção na interação mãe-bebê.** Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2020.

Santos, Luiza Machado. dos.

Atividade lúdica e de cuidado : análise e
intervenção na interação mãe-bebê / Luiza Machado dos
Santos, 2020

140 f.

Orientadora: Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues

Coorientadora: M. Angeles Cerezo

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2020

1. Interação mãe-bebê. 2. Troca de fraldas. 3.
Brincadeira livre. 4. Vídeo feedback. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE LUIZA MACHADO DOS SANTOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 23 dias do mês de outubro do ano de 2020, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de LUIZA MACHADO DOS SANTOS, intitulada **Atividade lúdica e de cuidado: análise e intervenção na interação mãe-bebê**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIN ROLIM RODRIGUES (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP/Câmpus de Bauru (participação por videoconferência), Profa. Dra. PATRÍCIA ALVARENGA (Participação Virtual) do(a) Instituto de Psicologia / Universidade Federal da Bahia, Profa. Dra. VERONICA APARECIDA PEREIRA (Participação Virtual) do(a) Faculdade de Ciências Humanas / Universidade Federal da Grande Dourados. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIN ROLIM RODRIGUES

Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), mediante concessão de bolsa de Mestrado, processo nº 2018/09825-6.



Agradecimentos

Agradeço à todas as pessoas que de alguma maneira estiveram por perto ao demonstrar afeto e ajudar nas dificuldades que surgiram durante esse período.

À minha família,

Agradeço à minha mãe **Maria Lúcia** e ao meu pai **José** por terem oferecido todo amparo emocional e financeiro e por sempre me permitir recorrer a eles nos momentos em que as adversidades apareceram. Agradeço também por terem exercido influência nas minhas escolhas profissionais de forma natural, e por terem oferecido um ambiente muito protetor. Amo vocês!

Minhas irmãs, **Bia**, mesmo morando em outro país, continuou sendo afetuosa e presente sempre apoiando e valorizando todas as minhas escolhas e **Clara**, que em muitos dos nossos encontros me agradou com uma brincadeira ou com seus maravilhosos doces, em especial, brigadeiros de torta de limão. Muito bom ter vocês em minha vida!

Ao meu companheiro de oito anos, **Felipe**, que durante esse período difícil de pandemia demonstrou muita calma, parceria e compreensão, o que favoreceu muito a minha concentração durante a finalização desta dissertação. Além disso, foi quem me auxiliou muito a avançar no manejo de planilhas. Te amo!

Aos meus avós, **Carlos** e **Inéa** que, apesar da idade avançada e não estarem acompanhando tão de perto, sempre vibraram a cada conquista e torceram para que eu e minhas irmãs atingíssemos nossos objetivos, independentemente de quais fossem.

Às minhas tias **Zuza** e **Gena** e meus primos **Lucas** e **Thadeu**, que mesmo morando longe, quando presentes pessoal ou virtualmente, sempre demonstraram muito carinho.

À **Val** e à **Dete**, por serem consideradas como parte da família desde meus primeiros anos quando fui morar em São Carlos. Vocês são muito especiais!

Às minhas amigas que vivem espalhadas pelo estado de São Paulo,

À **Karina**, por ter feito parte de tantos dos meus momentos em Bauru, na Graduação e no Mestrado. Agradeço muito por tanto carinho e dedicação à nossa amizade, que agora está à distância!

À **Stacy**, que faz parte desde a infância e que mesmo após minha saída de São Carlos há nove anos, nunca deixou de constatar sobre a importância da nossa amizade, além de compartilharmos juntas o amor pela psicologia.

À **Camila**, que compartilhou apartamento comigo em Assis e hoje a experiência acadêmica. Também agradeço por sempre ter demonstrado tanto afeto!

Às minhas parceiras do laboratório,

Taís Chiodelli, Carolina Montanhaur e Bárbara Campos. Muito obrigada por terem feito parte dessa trajetória, me auxiliando nos momentos em que precisei e por deixarem esse período mais leve, mesmo nas experiências mais desafiadoras. Sinto falta dos nossos encontros semanais!

Às queridas professoras

Olga M. P. R. Rodrigues, minha orientadora, por tantos ensinamentos desde o primeiro dia em que a procurei buscando conhecer mais sobre o Projeto de Bebês. Desde então, foram muitas experiências juntas e muita evolução. Agradeço imensamente pelo equilíbrio que me ofereceu ao ter aceitado algumas das minhas inquietações e por ter colocado limites nos momentos em que foram necessários!

M. Angeles Cerezo, que desde os primeiros contatos demonstrou extrema atenção e cuidado, tanto pessoalmente durante a realização do estágio de pesquisa, quanto à distância. Muito obrigada por ter feito parte desse processo de aprendizagem!

À banca examinadora

Às professoras **Patrícia Alvarenga** e **Verônica Pereira** por terem concordado em participar da banca de Qualificação e Defesa e por terem fornecido tantas contribuições que ajudaram muito no desenvolvimento e qualificação deste trabalho.

Aos queridos professores **Rafaela Schiavo** e **Hugo Ferrari Cardoso** que aceitaram tão prontamente ao convite de serem suplentes e que também fizeram parte dessa trajetória.

Em especial,

À todas as mulheres **mães** e aos **bebês** que participaram deste trabalho. Muito obrigada pela dedicação e envolvimento. Sem vocês, este trabalho não se concretizaria!

À **FAPESP** pelo apoio financeiro durante esse período e que foi essencial para a realização desta pesquisa.

A mim, por ter me desafiado a passar por essa experiência tão gostosa que também é árdua em alguns momentos. Pude evoluir muito enquanto ser humano e pesquisadora durante este período!

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

RESUMO

As mães interagem com seus bebês em diferentes contextos, como nas brincadeiras e nos cuidados básicos. Essa dissertação teve como objetivo geral investigar se haveria diferença entre a interação em situação lúdica e de cuidado e, se, uma intervenção implementada a partir de dados de uma situação de interação lúdica, aumentaria a frequência de comportamentos interativos nesta situação e na troca de fraldas e foi estruturada em dois estudos: 1. Comportamentos interativos mãe-bebê em situação livre e na troca de fraldas; 2. Intervenção no contexto de interação lúdica mãe-bebê e a influência na interação da díade na troca de fraldas. Em ambos os estudos os dados foram coletados na Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) e no Centro de Reabilitação (SORRI) na cidade de Bauru - SP. Foi utilizado o protocolo Intera Díade para codificação dos comportamentos materno-infantis e realizou-se análises estatísticas de comparação e correlação dos comportamentos interativos maternos e dos bebês nas duas situações. O Estudo 1 teve como objetivos a) descrever e comparar comportamentos interativos maternos e dos bebês, aos três meses de vida, em situação lúdica e de cuidados; b) correlacionar comportamentos maternos e dos bebês nas duas condições: lúdica e de cuidados. Participaram 27 díades mãe-bebê e os resultados de comparação dos comportamentos maternos nos dois contextos apontaram que dos oito comportamentos interativos positivos observados, seis tiveram médias significativamente maiores na situação lúdica. Quanto aos bebês, prevaleceram os comportamentos positivos na situação lúdica e os comportamentos negativos e não interativos na troca de fraldas. O Estudo 2 teve como objetivo investigar se uma intervenção, implementada a partir de dados de uma situação de interação lúdica, utilizando vídeo feedback, aumentaria a frequência de comportamentos interativos neste contexto e na troca de fraldas a) Descrever e comparar comportamentos interativos mãe-bebê, em situação lúdica, antes e depois de uma intervenção, em situação lúdica, utilizando vídeo feedback; b) Comparar a duração e frequência de sequências comportamentais interativas, antes e depois de uma intervenção em situação lúdica, utilizando vídeo feedback e, c) Descrever e comparar comportamentos interativos mãe-bebê, em situação de troca de fraldas, antes e depois de uma intervenção em situação lúdica, utilizando vídeo feedback. Participaram 17 díades de mães e bebês aos três meses de idade de um programa de intervenção em vídeo-feedback onde foram filmadas na condição de interação lúdica e na troca de fraldas (pré-teste). Depois, a mãe participou de uma sessão de intervenção utilizando vídeo feedback a partir de sequências interativas da interação livre. Por fim, as díades foram novamente filmadas na interação livre e na troca de fraldas (pós-teste). Foi verificado que na troca de fraldas houve maior frequência do comportamento materno de cuidar não interativo e na interação livre, a resposta de estimulação por objetos. Quanto ao comportamento dos bebês, na interação livre houve mais comportamentos de respostas de interação positivas à estimulação por objetos e na condição de cuidado maior frequência do contato visual. Os resultados das análises de comparação das durações das sequências maternas na situação lúdica apontaram aumento significativo na sequência positiva RE-EST e redução significativa nas sequências positivas NEB-EST e NEB-RES. O total da duração e frequência das sequências negativas dos bebês reduziu significativamente. Na troca de fraldas foi verificado aumento significativo nos comportamentos da mãe de apresentar o brinquedo e redução significativa em atrair a atenção. Os comportamentos positivos dos bebês de interagir com o brinquedo e responder positivamente aumentaram significativamente e foi verificada redução significativa nos comportamentos negativos de chorar. Observou-se a generalização de comportamentos interativos positivos maternos da condição de interação lúdica para a troca de fraldas. Os resultados, ainda que

obtidos com uma amostra pequena, foram promissores, apontando a estratégia de vídeo feedback como uma importante ferramenta e indicando a importância de intervenções para a melhoria da interação mãe-bebê o mais precoce possível como um fator de proteção para o desenvolvimento saudável.

Palavras-chave: interação mãe-bebê; troca de fraldas; brincadeira livre; vídeo feedback.

ABSTRACT

In different contexts, like free play and care settings, mothers are interacting with their babies. This work aimed to investigate if there is difference between playful and care settings and, if an intervention implemented based on data from a ludic interaction situation, via video feedback would enhance the frequency of interactive behaviors in this situation and in changing diapers and was structured in two studies: 1. Interactive mother-infant behaviors in a free setting and when changing diapers; 2. Intervention in the context of playful mother-infant interaction and the influence of the interaction on the dyad diapering interaction. In both studies, data were collected in CPA and SORRI, in Bauru – SP. The Intera Díade protocol was used for mother-infant behaviors codification. Were done statistical analysis of comparison and correlation about mother and child interactive behaviors in both situations. The first study aimed to a) describe and compare maternal and infant interactive behaviors at the age of three month and correlate maternal and infant behaviors in both conditions: ludic and care b) Correlate maternal and infant behavior in two conditions: playful and care. Participated 27 mother-infant dyads and results showed that comparing both settings, from eight positive interactive parameters observed, six of them had higher averages in the ludic than in diaper change. When changing diapers, maternal behavior of interactive care prevailed, followed by non-interactive care, specific to the situation. About infant, prevailed positive interactive behavior in ludic situation and negative and non-interactive behavior in diaper change. The second study aimed to investigate whether an intervention implemented based on data from a ludic setting, would increase the frequency of interactive behavior in this setting and diapering settings, a) describe and compare interactive mother-infant behaviors in a playful situation using video feedback, b) compare duration and frequency of interactive sequences, before and after an intervention in a playful situation using video feedback, c) describe and compare interactive mother-infant behaviors, in a diaper change situation before and after an intervention in a playful situation, using video feedback. Seventeen mother-infant dyads with three months-old infant participated in a video feedback program and were filmed in free play and care settings (pretest). Afterwards, the mothers participated in an intervention session from the video feedback. Finally, pairs were filmed again in both settings (posttest). The results showed that they were differences in both situations, mainly when related to non-interactive care behavior, more frequent in diaper changes and stimulations by objects and the most frequent in free play situations. About babies behavior it was observed more positive interactive behavior related to stimulation in free play setting and more visual contact in diapering. Comparison analyses of maternal sequences duration in playful situation showed a significant increase in the positive sequence RE-EST and a significant reduction in the positive sequence NEB-EST and NEB-RES. Total duration and frequency of negative baby sequences significantly reduced. There was significant increase in mother's behavior of presenting toy and a significant reduction in attracting attention. Babies positive behaviors of interacting with toy and responding positively increased significantly and there was a significant reduction in negative behaviors of crying. Furthermore, a generalization of positive maternal interactive behaviors, from the ludic and diapering settings, were observed. The results, although obtained with relatively small sample size, were promising, pointing to video feedbacks as an important tool. The

data pointed to the importance of interventions to-improve mother-infant interactions as early as possible as a protective factor for healthy development.

Keywords: mother-infant interaction; diapering; free-play; video feedback.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Estudo 1

Figura 1.	Apresentação do percurso amostral.....	32
-----------	--	----

Estudo 2

Figura 1.	Apresentação do percurso amostral.....	72
-----------	--	----

LISTA DE TABELAS

Estudo 01

Tabela 1.	Características sociodemográficas das mães.....	34
Tabela 2.	Dados sobre a gestação e nascimento dos bebês.....	35
Tabela 3.	Dados descritivos e comparativos das respostas interativas maternas nas duas situações.....	40
Tabela 4.	Dados descritivos e comparativos das respostas interativas dos bebês nas duas situações.....	42
Tabela 5.	Correlação entre comportamentos maternos e dos bebês na situação lúdica.....	43
Tabela 6.	Correlação entre comportamentos maternos e dos bebês na situação de cuidado.....	44

Estudo 02

Tabela 1.	Características sociodemográficas das mães.....	73
Tabela 2.	Dados sobre a gestação e nascimento dos bebês.....	74
Tabela 3.	Comparação entre comportamentos maternos antes e após a sessão de intervenção em atividade lúdica.....	87
Tabela 4.	Comparação entre comportamentos dos bebês antes e após a sessão de intervenção, em atividade lúdica.....	89
Tabela 5.	Média e desvio padrão dos comportamentos maternos antes e após a sessão de intervenção na situação de troca de fraldas.....	91
Tabela 6.	Média e desvio padrão dos comportamentos dos bebês antes e após a sessão de intervenção na situação de troca de fraldas.....	92
Tabela 7.	Comparação entre a duração das sequências comportamentais positivas maternas antes e após a intervenção.....	93
Tabela 8.	Comparação da duração das sequências comportamentais negativas e não interativas maternas antes e após a intervenção.....	94
Tabela 9.	Comparação da frequência das sequências comportamentais positivas maternas antes e após a intervenção antes e após a intervenção.....	95
Tabela 10.	Comparação da frequência das sequências comportamentais negativas e não interativas maternas antes e após a intervenção.....	96

LISTA DE QUADROS

Estudo 01

Quadro 1.	Definições operacionais dos comportamentos maternos analisados pelo Intera-Díade.....	37
Quadro 2.	Definições operacionais dos comportamentos dos bebês analisados pelo Intera-Díade.....	38

Estudo 02

Quadro 1.	Descrição das etapas da coleta.....	72
Quadro 2.	Sequência de comportamentos bebê-mãe-bebê.....	79
Quadro 3.	Resumo das categorias do Intera-Díade.....	83
Quadro 4.	Resumo das sequências comportamentais estudadas.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT	Programa ACT Para Educar Crianças em Ambientes Seguros
AGREFA	<i>Grupo de Investigación “Agresión y Familia”</i>
CPA	Centro de Psicologia Aplicada
CITMI-R	<i>Códigos para la Interacción Temprana Materno-Infantil</i>
BEPE	Bolsa de Estágio e Pesquisa no Exterior
ECA	Estatuto Da Criança e do Adolescente
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IEPMB	Inventário de Estilos e Práticas Parentais Mãe-Bebê
LAPREDES	Laboratório de Pesquisa em Prevenção de Problemas de Desenvolvimento e Comportamento da Criança
PCPS	Parent-Child Psychological Support Program TM
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIPAB	Programa Promovendo a Interação entre Pais e Bebês
SORRI	Centro Especializado em Reabilitação
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UTIN	Unidade de Terapia Intensiva Neonatal
VIPP-FC	<i>Video feedback Intervention to Promote Positive Parenting for Foster Care</i>
VIPP-SD	<i>Video feedback Intervention to Promote Positive Parenting for Sensitive Discipline</i>
WHO	<i>World Health Organization</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	10
Estudo 1	14
COMPORTAMENTOS INTERATIVOS MÃE-BEBÊ EM INTERAÇÃO LÚDICA E NA TROCA DE FRALDAS	14
1. INTRODUÇÃO	15
2. MÉTODO.....	32
2.1. Participantes	32
2.2. Instrumentos.....	35
2.3. Procedimento de coleta de dados	35
2.4. Procedimento de análise de dados.....	36
3. RESULTADOS.....	39
3.1. Descrição e comparação dos comportamentos interativos de díades mães bebês em situação lúdica e de troca de fraldas.	39
3.2. Correlação entre comportamentos maternos e dos bebês nas duas condições: lúdica e de cuidados.....	42
4. DISCUSSÃO.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
Estudo 2.	53
INTERVENÇÃO NO CONTEXTO DE INTERAÇÃO LÚDICA MÃE-BEBÊ E A INFLUÊNCIA NA INTERAÇÃO DA DÍADE NA TROCA DE FRALDAS	53
1. Introdução	54
Interação mãe-bebê em diferentes contextos: procedimentos de avaliação e intervenção 57	
3. Comportamentos interativos maternos: classes de respostas e generalização.....	65
2. MÉTODO.....	70
2.1. Delineamento	70
2.2. Participantes	71
2.3. Instrumentos.....	74
Para registro das interações mãe-bebê	74
2.4. Procedimento de coleta de dados	74
2.5. Procedimento de análise de dados.....	80
3. RESULTADOS.....	86
3. 1. Comportamentos interativos de mães e bebês, em situação lúdica: efeitos de uma intervenção, utilizando vídeo feedback	86
3.2. Análises sequenciais dos comportamentos na interação mãe-bebê em situação lúdica: efeitos da intervenção.	89

3.3. Comportamentos interativos de mães e bebês, em situação de troca de fraldas: efeitos da generalização.....	93
3.4 Avaliação das mães sobre o Programa Promovendo Interação entre pais e bebês (PIPAB)	95
4. DISCUSSÃO.....	97
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
CONCLUSÕES GERAIS.....	106
REFERÊNCIAS	109
ANEXO E APÊNDICES.....	120
ANEXO. Parecer do CEP	121
APÊNDICE A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	123
APÊNDICE B. Entrevista inicial.....	124
APÊNDICE C. Questionário de avaliação pós-intervenção.....	127

APRESENTAÇÃO

Durante minha infância e adolescência, minha família foi um ambiente no qual pude experimentar muitas vivências relacionadas à ciência e ao cuidado de bebês. De um modo geral, posso dizer que sempre estive próxima à área da saúde: minha mãe, por ser professora e pesquisadora na área de Saúde Coletiva na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e meu pai, pediatra, por trabalhar em Unidades Básica de Saúde e em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), também na cidade de São Carlos, interior de São Paulo.

Considero que minha exposição ao meio científico e meu interesse pela Primeira Infância começou no início do meu desenvolvimento e foi se concretizando durante a adolescência, quando comecei a me compreender como ser social e, junto a isso, vieram as compreensões referente aos trabalhos realizados pelos meus pais. Pouco a pouco, a partir de experiências na escola, família, com amigos e na graduação, pude entender o que de fato me interessava dentro desses dois universos. Hoje percebo que o que me dá satisfação é trabalhar na produção do conhecimento científico, mas de uma forma muito próxima da comunidade.

Durante os dois anos iniciais do curso de Licenciatura em Educação Especial na UFSCar, em São Carlos, não concluído, tive a primeira experiência em pesquisa ao desenvolver um trabalho de pesquisa intitulado “Adaptação de livros infantis para alunos com dificuldade na oralidade” no ano de 2011. Este trabalho foi orientado pelas professoras Prof^a Dr^a Maria Amélia Almeida e Prof^a Dr^a Cândice Lima Moreschi e ao cursar as disciplinas: Análise do Comportamento Infantil e Psicologia voltada para a educação, pude me certificar sobre o interesse em me graduar em Psicologia.

Em 2013, iniciei o curso de Psicologia na UNESP em Assis. Durante o curso desenvolvi um projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “Rendimento nos

esportes: a influência da ansiedade no desempenho individual e coletivo” (PIBIC), o qual foi orientado pelo Prof. Dr. Cláudio Edward dos Reis. Outro interesse que sempre tive em paralelo: a interface da Psicologia com o esporte. Interesse que não cessou, mas que pude perceber que meu objetivo na ciência estava muito mais relacionado ao desenvolvimento infantil. Neste mesmo *campus*, participei de um projeto de extensão “Infância e Sono” e foi nele que iniciei minha trajetória de estudos sobre desenvolvimento infantil, com ênfase na abordagem analítico-comportamental.

Já na UNESP-Bauru, no ano de 2015, participei do projeto de extensão e grupo de estudos intitulado “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais”, cuja coordenadora é a Prof^a Dr^a Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, orientadora deste projeto. Foi neste contexto que pude realizar atendimentos às mães e pais de bebês e avaliar o desenvolvimento dos bebês. Além disso, possibilitou realizar minha segunda iniciação científica intitulada “Interação mãe-bebê: comparação entre situação lúdica e de cuidado”, financiada pela FAPESP, no ano de 2016. Associado a este projeto, pude realizar um estágio de pesquisa na Universidad de València (Processo BEPE 2017/00904-8) orientado pela Prof^a Dr^a M. Angeles Cerezo, para aprender sobre como utilizar o Sistema de Codificação da Interação Materno-Infantil Revisado (CITMI-R), um software deste sistema para a codificação dos dados da interação mãe-bebê nos contextos de interação livre e de cuidado. Visto que o esse sistema de codificação foi desenvolvido por pesquisadoras que compõem o *Grupo de Investigación “Agresión y Familia”* (AGREFA) e tem como enfoque a observação no contexto de interação livre, foi necessário realizar alguns ajustes durante a minha estadia naquela Universidade para que fosse possível a codificação e análise da interação mãe-bebê no contexto de cuidado.

Os dados obtidos a partir da pesquisa de iniciação científica apontaram para uma dificuldade na interação da díade mãe-criança nas situações de troca de fraldas, devido à

baixa frequência de comportamentos sensíveis positivos (Santos, 2017). Identificou-se que este contexto não era aproveitado pelas mães de maneira profícua. Considerando a importância da interação nos diversos contextos, inclusive nas situações de cuidado como a troca de fraldas, como uma oportunidade de estimulação que poderia beneficiar o desenvolvimento infantil, pensou-se em realizar um projeto de intervenção junto às mães.

Na ocasião da Qualificação, foram feitas sugestões, pela banca, no que se refere a análise dos dados da interação mãe-criança obtidos via filmagem, utilizando o sistema CITMI-R, que registra o fluxo da interação por meio de dados propensos às análises sequenciais comportamentais. Para essa demanda era necessário aprender a utilizar o sistema, uma vez que no estágio anterior, devido o curto espaço de tempo, a aprendizagem se referiu à codificação da interação. Estruturou-se, então, um projeto de bolsa de estágio no exterior (BEPE) intitulado “Observação e análise sequencial dos comportamentos materno-infantis no contexto de interação livre e troca de fraldas”, submetido à FAPESP. A proposta era de realizá-lo durante os meses de abril a junho de 2020 sob a orientação da coorientadora deste projeto, profa. M. Angeles. O processo estava em análise, faltando apenas o despacho final do parecerista. Contudo, a exemplo de outras saídas para o exterior, o pedido foi cancelado em final de março pela própria instituição de fomento devido ao contexto de pandemia da Covid-19.

Nesse cenário, houve a necessidade de uma reestruturação do projeto para que os objetivos iniciais pudessem ser atendidos. Para tanto, revimos todos os dados que tínhamos coletado e tivemos que alterar o protocolo de codificação para o Intera Díade (RODRIGUES et al, 2020), desenvolvido dentro do nosso laboratório.

Durante o período de Mestrado apresentei painéis, pôsteres, comunicação oral e mesa redonda em Congressos locais e nacionais. Também tive a oportunidade de realizar um estágio em docência na disciplina de “Análise Comportamental do Desenvolvimento

Humano”. Além disso, realizei a formação para facilitadores do Programa ACT – Para Educar Crianças em Ambientes Seguros, coordenado pela Profa. Dra. Maria Beatriz Martins Linhares e Profa. Dra. Elisa Rachel Pisani Altafim, a partir de uma parceria realizada entre o nosso laboratório e o LAPREDES - FMRP - USP. Todas essas vivências vêm repercutindo em muita aprendizagem e, sobretudo, na necessidade de ampliar as investigações para contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da ciência.

INTRODUÇÃO GERAL

No percurso do desenvolvimento, o ser humano é marcado por diversas experiências que reverberam diretamente na sua constituição física e psicológica. A capacidade cerebral de fazer conexões entre neurônios em alta velocidade durante os primeiros anos de vida é um fenômeno que ocorre fundamentalmente na nossa espécie e que sinaliza um período sensível ou janela de oportunidades a ser investida visando a prevenção de problemas de comportamento, na saúde emocional e para uma melhor vinculação entre cuidadores e bebê (BROWN et al, 2017).

A ciência tem mostrado que o desenvolvimento cerebral se inicia durante a gestação e perdura no decorrer do ciclo vital. Todavia, é durante os primeiros anos de vida (zero a seis anos) ou durante a Primeira Infância que a base da arquitetura cerebral é construída (SHONKOFF, 2017). O autor fez uma analogia entre a construção de uma casa com a construção cerebral: assim como uma casa necessita de uma base sólida para sustentar toda a estrutura que será construída, o cérebro humano necessita igualmente de uma estimulação favorável durante os primeiros anos de vida, para que possa suportar as experiências que virão em longo prazo.

Com o passar dos anos, a plasticidade cerebral vai diminuindo e, para que seja potencializada é necessário que a criança esteja inserida em um ambiente que ofereça fatores de proteção (SHONKOFF, 2012). Muitas vezes, em ambientes de muita vulnerabilidade nos quais existam mais fatores de risco se comparados aos fatores de proteção, é possível utilizar-se de estratégias de forma a equilibrar ou aumentar os fatores de proteção presentes no ambiente.

O investimento nesse período é preconizado, no Brasil, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pelo Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257, 2016)

e uma das formas de viabilizá-lo é por meio de pesquisas de intervenções preventivas. A interação entre cuidadores e bebê durante os primeiros meses de vida acontece em muitos momentos e contextos. Biologicamente, as primeiras interações são estabelecidas com a mãe e existe uma questão social e cultural na qual ela é vista como principal cuidadora. Contudo, é importante destacar sobre a importância do cuidado parental e investimento nas interações iniciais pelos cuidadores para que a interação seja favorável.

Para captar as informações que acontecem na dinâmica da interação de forma que os dados se tornem analisáveis, é necessário que seja feita uma escolha metodológica. (SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2007). Dentre as possibilidades, está a observação sistemática da interação a partir da filmagem e uma codificação a por meio de um sistema de observação e da definição de categorias maternas e infantis a serem utilizadas no contexto de interação lúdica (BACKEMAN; QUERA, 2011).

Além das situações de interação livre, existem outros contextos nos quais os cuidadores interagem com o bebê e que além de acontecerem ao longo do dia, são identificados como oportunidades para promover o desenvolvimento. São exemplos desse contexto, as situações de cuidados básicos como alimentação, banho e troca de fraldas. A ocasião da troca de fraldas, sobretudo, acontece muitas vezes ao dia e foi identificada, a partir de relato materno em um estudo com 44 mães, como um dos importantes momentos de cuidado (CHIODELLI; SANTOS; RODRIGUES, submetido). O estudo sugere intervenções junto às mães para aproveitarem os contextos de cuidados para realizar trocas positivas entre a mãe e promover desenvolvimento infantil.

Um estudo de meta-análise verificou a estratégia de vídeo feedback como alternativa funcional para intervir no contexto da interação mãe-bebê, especialmente na responsividade materna (FUKKINK, 2008). Neste procedimento, o vídeo é utilizado como recurso da intervenção que auxilia na compreensão sobre o conceito de

sensibilidade e tem foco demonstrar a capacidade materna em emitir esses comportamentos a partir da auto-observação na filmagem (CRUGNOLA et al., 2019). O vídeo permite que as mães observem seus próprios comportamentos, reflitam sobre eles após a seleção e apresentação das sequências comportamentais que contém as respostas relacionadas ao comportamento alvo da intervenção.

O presente projeto utilizou filmagens de interação mãe-bebê em situação lúdica. Na estratégia adotada foram selecionadas sequências interativas ou não interativas do bebê que antecedem uma resposta materna de interação positiva ou negativa e que produz consequências reforçadoras ou punitivas ao bebê. A análise sequencial pode ser utilizada para observar a interação como um fluxo de comportamentos que ocorrem ao longo do tempo a partir de uma relação de contingência: um componente influenciando diretamente no outro (BAKEMAN, QUERA; 1997; 2011).

Ao reforçar um comportamento, um possível efeito é a diminuição de outros comportamentos, a estratégia de reforçamento diferencial está relacionada a reforçar alguns comportamentos e outros não. Além disso, é possível aumentar comportamentos da mesma classe de resposta. Outro efeito é a diminuição na variabilidade da topografia da resposta do comportamento reforçado (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Isso mostra que os comportamentos produzem consequências, as quais podem interferir na probabilidade dele voltar a acontecer. O contexto de intervenção em vídeo feedback cujo intuito é aumentar comportamentos responsivos maternos, pode aumentá-lo e reduzir os intrusivos ou negativos (ALVARENGA, 2018).

Considerando o exposto foram identificadas as seguintes lacunas: a) escassez de estudos sobre a interação mãe-bebê em contextos estruturados como na troca de fraldas; b) escassez de estudos brasileiros sobre a generalização da aprendizagem materna para uma situação de cuidado após uma intervenção na situação lúdica.

Esta dissertação teve como **objetivo geral** investigar se haveria diferença entre a interação em situação lúdica e de cuidado e, se, uma intervenção implementada a partir de dados de uma situação de interação lúdica, aumentaria a frequência de comportamentos interativos nesta situação e na troca de fraldas. Os **objetivos específicos** foram: 1. Elaborar e implementar um procedimento de intervenção em situação lúdica; 2. Descrever e comparar comportamentos interativos maternos e do bebê em situação lúdica antes e após uma intervenção e, 3. Descrever e comparar interação mãe-bebê em situação de cuidados (troca de fralda) antes e depois de uma intervenção em situação lúdica.

Para o alcance dos referidos objetivos de pesquisa foram desenvolvidos **dois estudos**, que juntos compõem esta dissertação de mestrado. Os estudos serão apresentados a seguir:

1. Comportamentos interativos mãe-bebê em interação lúdica e troca de fraldas
2. Intervenção no contexto de interação lúdica mãe-bebê e a influência na interação da díade na troca de fraldas

Estudo 1: COMPORTAMENTOS INTERATIVOS MÃE-BEBÊ EM INTERAÇÃO LÚDICA E NA TROCA DE FRALDAS

Resumo

As interações iniciais entre cuidadores e bebês são possíveis de acontecer desde o nascimento devido a uma predisposição e potencial herdados filogeneticamente pelo bebê. Dentre as situações possíveis para sua ocorrência estão as situações de interação lúdica, as quais acontecem por meio de objetos ou sem o a sua utilização, e as situações de cuidados básicos, sendo a troca de fraldas uma delas. O presente estudo teve como objetivo descrever e comparar comportamentos interativos maternos e dos bebês, aos três meses de vida, em situação lúdica e de cuidados e correlacionar comportamentos maternos e dos bebês nas duas condições: lúdica e de cuidados. Participaram 27 mães de bebês que tinham três meses que se beneficiavam dos projetos no CPA e na SORRI. Realizam-se filmagens nesses dois contextos, e após, a codificação a cada segundo dos comportamentos de mães e bebês a pelo protocolo Intera-Díade e análises estatísticas de comparação e correlação. Os resultados da comparação entre os comportamentos mostraram que a mãe emitia mais comportamentos interativos positivos na situação lúdica e mais comportamentos de cuidado (positivo e não interativo) na troca de fraldas. Observou-se mais excesso de estimulação na situação livre e verbalizações negativas na troca de fraldas. Nos comportamentos dos bebês, destacaram-se maior frequência nas respostas positivas de observar a mãe na troca de fraldas e interagir com o brinquedo na interação lúdica. Não houve diferença significativa nas respostas negativas e nos comportamentos não interativos, velicou-se diferença na resposta de atrair a atenção. As análises de correlação na interação lúdica apontaram que os comportamentos de cuidar e contato intrusivo se relacionaram, positivamente com explorar o ambiente e evitar a mãe, respectivamente. O comportamento de estimular excessivamente correlacionou-se negativamente com responder positivamente. Já na troca de fraldas, houve correlação positiva entre cuidar e explorar o ambiente e acalmar e chutar e empurrar a mãe. Os comportamentos de apresentar o brinquedo foram correlacionados positivamente com interagir com o brinquedo e negativamente com manter o contato visual. Esperar também se relacionaram negativamente com explorar o ambiente. Sugere-se a implementação de intervenções junto às mães como possibilidade de aumentar as respostas positivas responsivas nos contextos de cuidados básicos.

1. INTRODUÇÃO

A introdução do presente estudo foi estruturada da seguinte maneira: 1. Fatores de risco e mecanismos de proteção ao desenvolvimento humano; 2. Responsividade parental 3. Intrusividade parental; 4. Interação mãe-bebê em contexto lúdico e, 5. Interação mãe-bebê em contexto de troca de fraldas.

Fatores de risco e mecanismos de proteção ao desenvolvimento humano

O sistema nervoso do recém-nascido permanece imaturo após o nascimento e depende das experiências para se desenvolver (UZIEL, 2008). Diante disso, submete-se integralmente aos cuidados e mediações dos adultos para sobreviver, embora já exista uma capacidade cognitiva precoce importante relacionada à linguagem e apuração das dimensões sensoriais. A autora destaca que, na medida em que ocorrem as experiências por meio das estimulações que são oferecidas ao bebê (como na presença de iluminação, brinquedos e pessoas), sua atenção aumenta e as reações passam a acontecer de forma mais rápida. Gradativamente, esses comportamentos tornam-se mais complexos e a arquitetura cerebral do indivíduo passa a ser influenciada por essas experiências (UZIEL, 2008).

A construção do sistema nervoso transcorre durante a gestação na fase embrionária e segue no período pós-natal, conforme às especificidades do genoma da espécie humana (LENT, 2008). Para o autor, o sistema nervoso é “(...) extremamente suscetível a modulações por parte do ambiente. Essa interação entre as informações do genoma e as informações do ambiente resultam na *plasticidade ontogenética*” (p.112). Neste mesmo direcionamento, para Shonkoff (2012) as primeiras experiências são construídas no nosso próprio corpo expandindo-se gradativamente para o ambiente.

Seidl-de-Moura e Ribas (2012) destacaram que a infância humana se diferencia de outros mamíferos na evolução no tempo longo de gestação e a velocidade lenta da maturação. As pesquisadoras reiteram que “o cérebro necessita continuar a crescer depois que o bebê nasce (...) de certa maneira a gestação continua externamente e, um ambiente de cuidados adequados é necessário” (p.32).

A literatura tem apontado para a multidisciplinariedade nos estudos sobre o desenvolvimento, especialmente nos primeiros anos de vida. Para todas as áreas, há uma relação de dependência que é estabelecida entre o recém-nascido e o ambiente que o cerca com o propósito de favorecer a arquitetura cerebral e, por conseguinte, o desenvolvimento socioemocional (SHONKOFF, 2012).

As características da criança (sexo, temperamento, idade gestacional, habilidade cognitiva e motora, entre outras) e do ambiente no qual ela está inserida (características dos pais como: saúde emocional; renda; escolaridade; idade, entre outras) podem favorecer o seu desenvolvimento ou prejudicá-lo (MARTINEZ-TORTEYA et al., 2009). Os fatores de proteção podem modificar os efeitos trazidos pelos riscos e, desse modo, os redireciona para que cheguem ao organismo de forma benéfica. As crianças que experienciam ambientes em que os fatores de proteção estão presentes, tendem a ser mais resilientes no curso do desenvolvimento (LUTHAR; SAWYER; BROWN, 2006). Neste sentido, os pais ou principais cuidadores e as pessoas que fazem parte do ciclo social da criança, atuam como principais mediadores para promover seu desenvolvimento. Todavia, para que isso aconteça é preciso que fatores de proteção relacionados a eles estejam presentes como boa saúde emocional, escolaridade alta e bom nível socioeconômico, entre outros, que possibilitem um ambiente seguro e saudável.

Características do ambiente no qual o organismo é exposto podem exercer influência que favorecem ou prejudicam seu desenvolvimento (PAPALIA; FELDMAN,

2013; BEE, 2011). A partir desta perspectiva, enfatiza-se sobre a complexidade do ambiente em que a criança está inserida, o qual não se limita apenas à família, apesar de ela exercer grande influência se comparada aos outros sistemas, como a família estendida (tios, avós). A escola de educação infantil e outros sistemas escolares que a criança irá participar, assim como o sistema de saúde que a criança e a sua família tem acesso, seriam fatores de proteção se atenderem as necessidades de desenvolvimento da criança e apoio à sua família, mas seriam de risco se, apesar do acesso, a qualidade do serviço oferecido for de baixa qualidade ou nem sempre estiver disponível. Além dos fatores individuais e genéticos, a família pode ser considerada como primeiro grupo social com o qual a criança interage e, por essa razão, exibe papel privilegiado na promoção do desenvolvimento.

A influência de variáveis sociodemográficas como saúde emocional materna, escolaridade, condições socioeconômicas, obstétricas, psicossociais e demográficas, foram amplamente descritas na literatura na sua relação com o desenvolvimento da criança (SILVA et al., 2008; CRESTANI et al., 2013; CAVALCANTE et al., 2017; IRURITA-BALLESTEROS et al., 2019). Estados emocionais negativos do cuidador como o estresse, a ansiedade e depressão, podem afetar sua habilidade para o estabelecimento e manutenção de sua atenção e percepção em relação aos sinais que o bebê emite e, assim, repercutir de forma negativa para a interação mãe-bebê e o desenvolvimento infantil (SCHIAVO, 2016; CAMPOS, 2016; MANGILI, 2017). Variáveis como a prematuridade e má formação do bebê também podem afetar o desenvolvimento (CASSIANO; LINHARES, 2015).

O primeiro ano de vida é considerado como um período em que o bebê é capaz de desenvolver rapidamente um conjunto expressivo de comportamentos para os quais necessita de condições adequadas de estimulação em seu ambiente. Tais estimulações têm

início no que os pais, ou cuidadores, oferecem a partir das interações iniciais, também denominado de responsividade parental.

Responsividade parental

Tanto na literatura nacional (RIBAS; SEIDL DE MOURA; RIBAS JUNIOR, 2003; PICCININI; 2007; ALVARENGA; MALHADO; LINS, 2014; ALVARENGA; WEBER; BOLSONI-SILVA, 2016; RIBEIRO-ACCIOLY et al., 2018; SOARES, 2019; CHIODELLI, 2020) quanto na internacional (EGEREN; BARRAT; ROACH, 2001; ESHEL, 2006; MERMELSHTINE; BARNES, 2016) os autores se referem à “responsividade” como principal terminologia para referir-se à capacidade atencional do cuidador em perceber os sinais emitidos pelo bebê de forma a respondê-los pronta e adequadamente. Ao agir de forma sensível, o cuidador pode promover um ambiente seguro para a criança, onde ela se sinta amparada para interagir e explorar o espaço que a circunda como as pessoas que fazem parte do seu ciclo social (AINSWORTH; BOWLBY, 1991). Esse ambiente possibilita a aprendizagem e o enriquecimento do repertório socioemocional, verbal, motor e cognitivo da criança, além de autonomia.

Cerezo (2019) revelou sobre as potencialidades dos bebês e a necessidade em sensibilizar os cuidadores sobre possíveis funções dos comportamentos emitidos por eles. Para a autora, os recém-nascidos sentem necessidades, mas nem sempre conseguem identificá-las e essa função deve ser executada pelos cuidadores de forma afetiva e paciente, possibilitando o progresso de regulação emocional do bebê. A autora destaca a importância de cuidar da mãe e auxiliá-la nessa tarefa protegendo, assim, o desenvolvimento físico e emocional dos bebês.

O bebê nasce com um conjunto de comportamentos inatos que foram selecionados filogeneticamente ao longo da história da humanidade. Tais comportamentos como o

choro, balbucio e sorriso facilitam a conexão com o cuidador (BOWLBY, 1982). Todavia, para que o desenvolvimento do organismo ocorra de forma adequada, estes sinais precisam ser interpretados a partir de uma leitura apurada feita pelo cuidador.

Em um estudo brasileiro foi realizada uma interpretação analítico-comportamental de comportamentos parentais e sua relação com desenvolvimento de crianças e adolescentes nascido (ALVARENGA; WEBER; BOLSONI-SILVA, 2016). As respostas dos cuidadores poderiam ser identificadas como estímulos discriminativos (SD) e seriam ambiente e ocasião para o bebê se comportar e as contingências envolvidas nesse fluxo interativo entre a díade, a partir dos sinais emitidos pelo bebê e a sensibilidade na leitura e interpretação apurada destes sinais pelos cuidadores, teriam valor reforçador para o comportamento do bebê e modelariam o seu repertório. O efeito reforçador é capaz de fortalecer comportamentos do recém-nascido (ALVARENGA; WEBER; BOLSONI-SILVA, 2016). Para a Análise do Comportamento, os sentimentos de prazer experienciados pelos bebês são descritos como comportamentos (FREITAS, 2019).

Em uma pesquisa sobre a construção do vínculo e a sua influência no curso de desenvolvimento a partir da aproximação entre a teoria do apego de John Bowlby e a perspectiva analítico-comportamental, apontou que que existe influência seletiva no fortalecimento deste comportamento porque os comportamentos são filogeneticamente selecionados e fortalecidos pelas consequências que por ele são produzidas. Para Henrique, as duas teorias buscam explicações a partir da interação entre organismo e ambiente (HENRIQUE, 2016). A partir deste olhar, a autora evidencia que

a determinação da proximidade entre mãe-filho é explicada pela interação de classes de comportamentos da mãe e da criança, sendo essas ações selecionadas pelas consequências obtidas na relação entre elas e com o ambiente físico no qual estão inseridas (p.39).

Em um estudo sobre a relação entre a percepção materna sobre o desenvolvimento socioemocional de seus bebês aos 12 meses de idade foi apontada uma relação significativa entre maior responsividade da mãe e percepção materna e um melhor desenvolvimento socioemocional de filhos (FARKAS; RODRIGUES, 2017).

Em uma pesquisa sobre a responsividade materna, participaram 23 díades de mães e bebês aos oito meses de idade e aos 18 meses, os achados apontaram que a responsividade às vocalizações dos filhos aos oito meses esteve positivamente correlacionada às práticas de socialização facilitadoras utilizadas aos 18 meses (ALVARENGA et al, 2014). Outro estudo brasileiro foi desenvolvido sobre a avaliação das interações de 10 díades mães-bebês com idade entre 18 a 36 meses diferenciadas pela idade gestacional, utilizando entrevistas e observação de interação lúdica, com foco na responsividade e na intrusividade e os resultados da observação mostraram que houve predomínio do intercâmbio iniciado pelas mães que demonstrou que elas foram responsivas e os resultados da escala também mostraram escore alto ou moderado na responsividade nas mães de bebês a termo. Estes comportamentos são considerados como promotores do desenvolvimento da criança e as respostas que invadem o espaço da criança podem ter um efeito adverso sobre o desenvolvimento (CEREZO, 2019). Dar espaço e agir com sensibilidade e aos poucos, são importantes comportamentos na relação face-a-face com o bebê (CEREZO, 2019).

Intrusividade parental

A literatura abarca estudos sobre a intrusividade nas diferentes culturas (ISPA et al., 2004; HOLOCHWOST; VOLPE; KOONCE, 2018), sobre comportamentos parentais responsivos e menos intrusivos (MCFADDEN; TAMIS-LEMONDA, 2013) e, também,

sobre a relação entre sensibilidade e intrusividade no desenvolvimento da agressividade (SMALING et al., 2017).

Para Alvarenga, Weber e Bolsoni-Silva (2016, p.17) “a responsividade sensível também envolve a concessão de autonomia e a não intrusividade por parte do cuidador”. Quando o adulto age de forma intrusiva e faz pelo bebê algo que ele poderia fazer sozinho, deixa de emitir consequências reforçadoras que poderiam modelar o comportamento de autonomia. Para as autoras, este comportamento que interrompe ou invade do espaço, pode prejudicar ou desacelerar o desenvolvimento do bebê.

Em um estudo brasileiro sobre interação mãe-bebê com mães adultas de bebês aos três meses de idade observou-se que os comportamentos maternos de toque e estímulos com objetos e o comportamento de bebê de estabilização estavam correlacionados positivamente e os comportamentos intrusivos maternos e comportamentos de estabilização relacionados às habilidades motoras aos três meses de idade do bebê estavam correlacionados negativamente (ALVARENGA ET AL., 2018). Esse achado apontou para a importância da estimulação tátil e apresentação de objetos para favorecer o desenvolvimento motor do lactente e, especificamente, seu comportamento de autorregulação e autonomia (ALVARENGA ET AL., 2018).

Em um estudo brasileiro com mães adultas de bebês as mães de bebês prematuros apresentaram maior índice de intrusividade se comparadas às mães de bebês a termo (CASSIANO; LINHARES, 2015).

Hallers-Haalboom et al. (2014) também descreveram os comportamentos de responsividade e de intrusividade, como parte do repertório dos cuidadores (pais e mães) para a promoção da sua interação com a criança. Os autores observaram que o comportamento paterno tende a ser mais intrusivo se comparado ao materno. Uma hipótese para este resultado é que o pai, se comparado à mãe, tem menos possibilidades

de experiências com o bebê desde a gestação. Todavia, além da inexperiência do pai e a provável experiência da mãe, outros fatores podem influenciar a maior sensibilidade materna em relação ao bebê se comparada à paterna.

O comportamento intrusivo não permite que se tenha uma atenção direcionada à tentativa do bebê de estabelecer uma comunicação. Cerezo (2019) revelou sobre o quão importante é (...) escuchar, tanto la palabra como las pausas o silencios que le dan forma. Hay que sintonizar con nuestro receptor buscando, como en las antiguas radios, la frecuencia de emisión, y eso solo se puede hacer si callamos y ponemos atención¹” (p.9).

Para a autora, os pais devem estar atentos às demandas dos bebês, dando a ajuda que ele realmente necessita, não se antecipando a ele, interrompendo sua atividade ou estimulando-o em demasia. A conexão muitas vezes não acontece porque não é feita uma alternância de turnos na comunicação e, sem esse espaço, não se constrói um diálogo emocional. Ao apresentar um brinquedo, deve ser considerada a distância entre ele e o rosto do bebê para que o seu espaço não seja invadido (CEREZO, 2019). Tais ações podem estar presente tanto em situação lúdica como de cuidados, incluindo higiene, alimentação e sono.

Interação mãe-bebê em contexto lúdico

Entre as muitas possibilidades de estimulação do bebê nos primeiros meses de vida estão as interações que ocorrem na brincadeira. Nessas atividades, o bebê descobre seu papel e seus limites e expressa suas necessidades de explorar o mundo e o outro (NILES; SOCHA, 2014). Segundo as autoras, gradativamente, acontece o domínio das

¹ Tradução livre: (...) escutar tanto a palavra como as pausas ou silêncios que as moldam. É necessário sintonizar com nosso receptor procurando, como nas antigas rádios, a frequência de emissão, e isso só pode ser feito se calamos e colocamos atenção.

habilidades de comunicação, nas mais variadas formas, as quais facilitam a sua auto expressão.

No seu estudo, Fuertes et al. (2010), descreveram sobre várias dimensões dos comportamentos maternos e infantis durante a interação em brincadeira livre, em díades quando os bebês tinham entre três e seis meses. As análises de correlação entre os comportamentos da díade revelaram que as categorias maternas sensíveis estavam correlacionadas às categorias de cooperação do bebê. Este tipo de análise possibilitou a observação da sincronia entre os comportamentos da díade.

Uma pesquisa sobre apego e a sensibilidade materna e paterna foi realizada por Fuertes, Faria e Beeghly (2016), a partir de filmagens em situação livre aos nove meses do bebê. Os resultados mostraram que as mães foram mais sensíveis aos bebês se comparadas aos pais em situações de brincadeira. Apesar da literatura indicar que ambos contribuem para o desenvolvimento socioemocional de forma equivalente, a mãe demonstrou um maior engajamento em afetividade, reforçamento e comportamentos interativos diretivos com os seus bebês.

Características dos bebês podem alterar a interação em contexto lúdico. Partindo da hipótese de que a presença da Síndrome de Down poderia ser um fator complicador na interação mãe-bebê em situação lúdica, Ferreira, Rodrigues e Campos (2018) desenvolveram um estudo com o objetivo de comparar e correlacionar comportamentos interativos de mães e bebês com Síndrome de Down e sem a síndrome, em contexto lúdico. Os resultados apontaram que as mães de bebês com a Síndrome de Down, emitiram mais sorrisos e vocalizações, enquanto as mães de bebês típicos se engajaram em mais comportamentos negativos, neutros e não interativos. Quanto às respostas dos bebês com a Síndrome de Down, eles emitiram mais comportamentos positivos como sorriso, contato visual e vocalizações, ao passo que os bebês sem essa condição,

apresentaram mais respostas neutras, negativas ou não interativas. Os dados obtidos apontaram para a relação entre os comportamentos maternos e dos bebês, implicados na bi direcionalidade da interação. Também, a não confirmação da hipótese inicial pode se dever à participação das díades dos bebês com Síndrome de Down em instituições especializadas que podem fortalecer, desde muito cedo o vínculo mãe-bebê. Tais dados sugerem que todas as mães de bebês necessitariam de orientações sobre como interagir com seus filhos.

Características maternas também podem influenciar a interação mãe bebê em situação lúdica e, entre elas, está a saúde emocional materna. Campos (2016) teve como objetivo analisar a influência da depressão pós parto nos comportamentos interativos entre mães e bebês, entre quatro e seis meses, em situação de interação lúdica, correlacionando-os. Os resultados obtidos mostraram alta frequência de respostas não interativas por parte dos bebês, ainda que suas mães emitissem alta frequência de respostas interativas (68 de 96 de episódios). A autora observou, também, correlação positiva entre os comportamentos não interativos maternos com comportamentos de passividade e apatia do bebê. Os bebês de mães que não tinham depressão apresentaram menor frequência de comportamentos de choro e protesto se comparados aos bebês de mãe com esse indicador.

Pederro (2018) comparou comportamentos interativos de mães e de bebês com suspeita de deficiência auditiva com mães de bebês ouvintes, filmados durante uma atividade lúdica. Participaram 50 mães de bebês com quatro a 12 meses de idade. A partir dos resultados verificou-se que, na comparação entre os comportamentos dos bebês em ambas as condições, houve diferença significativa entre as respostas de aproximação social neutra e positiva entre os bebês com e sem indicadores, uma vez que o

envolvimento foi maior entre bebês ouvintes. Foram poucos os comportamentos de aproximação social negativa nos bebês com e sem indicadores.

Considerando que todas as oportunidades podem ser de interação mãe-bebê e não somente a lúdica, propõem-se, a seguir, apresentar estudos que analisaram a interação mãe-bebê a partir de atividades de cuidado (alimentação, higiene e sono).

Interação mãe-bebê em contexto de cuidado

Entre as situações de interação, além daquelas que envolvem brincadeiras, estão as situações de cuidados básicos. Elas são realizadas no dia a dia pelos pais ou cuidadores em relação aos bebês, como cuidados de higiene, sono e alimentação. Keller (2002; 2007) descreveu seis categorias relacionais entre pais e filhos, sendo: cuidado primário, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objetos, contato face a face e narrativas.

Keller (2002) considera que o cuidado primário tem como objetivo garantir o conforto da criança provendo alimentação, higiene e sono. O resultado é o desenvolvimento de confiança, segurança na proteção e disponibilidade do cuidador. O contato corporal envolve o carregar, acalantar garantindo ao bebê os sentimentos de coesão social e pertencimento ao grupo. A estimulação corporal, que acontece por meio do toque e movimentos motores, tem como função intensificar a percepção do bebê com relação a seu próprio corpo e ao ambiente circundante. A estimulação por objetos, disponibiliza brinquedos e objetos na interação cuidador-criança, de forma a vincular o bebê ao mundo dos objetos e ao ambiente físico em geral. Como resultado, estimula as atividades exploratórias e promove o desenvolvimento cognitivo. Os contatos face-a-face podem ser altamente estimulantes, carregadas de afeto e constituem-se de curtos eventos interacionais que expõem a criança a altos níveis de informação cognitiva e social. Como resultado a criança percebe a responsividade do adulto facilitando o desenvolvimento do

diálogo verbal e a promoção da capacidade de autorregulação. A narrativa consiste na utilização da linguagem por parte dos cuidadores que, ao conversar com a criança, auxiliam na aquisição e desenvolvimento do repertório verbal. Os cuidadores têm diferentes estilos de verbalizar para sua criança, tendem a ajustar sua fala à do bebê, envolvendo enunciados curtos e simples, presença de gestos que auxiliam na comunicação, com o objetivo de prover às crianças informações sobre eles mesmos e sobre o ambiente (SCHIEFFELIN; OCHS, 1986; SNOW, 1977). Para Keller (2007) esse estilo narrativo da mãe ao se comunicar com o bebê é influenciado pelo modelo cultural em que ela se insere.

As categorias descritas por Keller (2002; 2007) podem ocorrer simultaneamente. Por exemplo, a mãe pode estabelecer contato visual e utilizar narrativas durante as atividades de cuidado. Por exemplo, durante o banho a mãe pode nomear as partes do corpo para a criança. Outra possibilidade seria durante a atividade de troca de fraldas, na qual os cuidadores podem descrever a ação que realizam e nomear as partes do corpo ou itens utilizados durante a troca. Desta forma, é possível interagir e atuar como mediador, ao apresentar palavras que contribuam para a ampliação do repertório verbal da criança. Situações de brincadeira, contato visual e corporal e a utilização de narrativas e objetos podem ocorrer simultaneamente. Aos três meses, o contato visual tem grande relevância, uma vez que o bebê ainda está muito interessado na face humana e a interação ocorre de maneira muito.

A responsividade materna está presente nas diferentes oportunidades interativas com o bebê tanto em situações ligadas à sua saúde e sobrevivência, como nos cuidados básicos de alimentação, incluindo o aleitamento materno aos três meses (FUGLESTAD et al., 2017; SALDAN et al., 2015) e higiene, como na troca de fraldas (LAURIN; GOBLE, 2018) e banho (GASPARETTO; BUSSAB, 2000).

A troca de fraldas, em especial, é uma atividade rotineira realizada pelos cuidadores em vários momentos ao longo do dia. Devido a essa característica, é comum que esta atividade seja desempenhada de maneira rápida e mecanizada sem que a diáde consiga aproveitar este momento para interagir de forma profícua. Conforme afirma Ferri (2010, p.21):

En el cambio de pañales, hay que establecer una relación privilegiada, íntima, cara a cara el adulto y el niño. Tiene que haber un interés mutuo. El niño tiene que conseguir una verdadera relación con el adulto que lo cambia, hay que establecer un intercambio emocional que le dará una seguridad y una confianza que le permitirán después ir a jugar y descubrir el mundo que le rodea².

Vale considerar a importância da organização desta atividade para que a criança possa sentir-se à vontade naquele espaço, pois isso fará com que ela a compreenda como mais um momento que pode ser prazeroso. Neste contexto em que o cuidador se encontra atento para realizar a troca de fraldas por meio de palavras, gestos e olhares dirigidos à criança durante toda a interação, possibilita que o desenvolvimento do bebê ocorra de forma favorável e que haja sincronia entre a diáde.

Para Adessi (2012, p.4) “Cuidar do corpo da criança é um dos momentos mais importantes da relação entre pai e filho. A natureza ritual do “trocar a fralda” é realizada, conjuntamente, com a segurança oferecida pelo cuidado dos pais (...)”. É uma atividade em que o bebê se comporta conforme o seu desenvolvimento e a sensibilidade parental caracteriza a configuração deste momento. A autora realizou uma pesquisa observacional

² Tradução livre: Na troca de fraldas é preciso estabelecer uma relação privilegiada, íntima, face-a-face entre o adulto e a criança. Deve haver um interesse mútuo. A criança deve conseguir uma verdadeira relação com o adulto que a troca, deve estabelecer uma troca emocional que lhe dará uma segurança e confiança que lhe permitirá, depois, brincar e descobrir o mundo que a rodeia.

com bebês de nove meses em situação de troca de fraldas realizada pela mãe e pelo pai, sendo uma troca realizada na parte da manhã e a outra na parte da tarde. Foi observado que os pais produzem menos vocalizações e esperam mais enquanto as mães esperam menos e produzem mais vocalizações, desta forma o comportamento do pai foi visto com uma maior fluidez temporal em relação ao comportamento do bebê.

Leal (2018) teve como objetivo analisar a interação entre mães em cárcere e seus bebês em atividade de cuidado, o banho e a amamentação, a partir da responsividade materna. Durante o banho as categorias interativas que mais se fizeram frequentes foram “olhar para o bebê”, seguida por “falar com o bebê”. O comportamento com maior número de registros emitidos pelos bebês foram os “sorrisos”. Também na amamentação, a categoria “olhar” apareceu com maior frequência se comparada às demais. Das respostas do bebê, as mais frequentes foram “movimenta-se/agarra” seguida de “olhar para a mãe”. A categoria “chora/choraminga” não obteve registros em nenhum dos contextos interativos. Quanto à análise de sequências de responsividade, foram identificados mais comportamentos com essas especificidades durante o banho se comparadas à amamentação.

O momento de troca de troca de fraldas acontece como atividade rotineira e é uma fonte de estresse aos bebês prematuros, se realizado na incubadora (LYNGSTAD et al., 2014). Os autores sugerem que a realização deste procedimento aconteça por meio do contato pele a pele, ao invés de ser realizado na incubadora, possibilitando a redução do estresse de bebês com essas condições.

Tanto para bebês prematuros como para os bebês a termo, a experiência do cuidado durante a troca de fraldas pode ser contexto para estimulações positivas e que favorecem o desenvolvimento (LAURIN; GOBLE, 2018). Os autores descreveram sobre a importância de adquirir a noção de higiene e eficiência para efetivar a troca de fraldas,

mas para além disso, indicaram que a atividade requer uma autoconsciência dos cuidadores sobre como observar e responder aos sinais emitidos pelo bebê durante a atividade.

Diferentes tipos de fala direcionadas à criança podem acontecer nesse contexto. As falas *antecipatórias* acontecem quando os cuidadores descrevem ao bebê sobre que será realizado com ele. Comunicar sobre ações que ocorrem concomitantemente à troca de fraldas são nomeadas de tipos de fala em *paralelo*. A *explanação* indica relação de causa e efeito e acontece quando se dá razões às atividades conforme elas acontecem. A fala *descritiva* relata sobre a características de objetos, atividades ou da pessoa. Ao realizar as atividades e descrevê-las ou descrever sobre os comportamentos que o bebê está executando, configura um tipo de fala nomeado de *sel talk* ou fala *consigo mesma*. Narrar sobre algo que não está presente no ambiente é um tipo de fala *descontextualizada* que podem acontecer durante a interação em uma ocasião de ausência de sensibilidade ao contexto (LAURIN; GOBLE; 2018).

Branger et al. (2019) investigaram sobre a sensibilidade parental em diferentes contextos com os bebês, na interação livre, no procedimento de *still face* e em duas situações de cuidado, na troca de fraldas e no banho. Os resultados da comparação das médias da sensibilidade nos três cenários revelaram que os cuidadores são igualmente sensíveis e quanto mais natural o cenário, como nas situações de troca de fraldas, maior a sensibilidade. Situações mais familiares como as de cuidados básicos, repercutiram em maior atenção e resposta imediata aos sinais emitidos pelo bebê. Os autores sugeriram que as situações desconhecidas desafiam a capacidade dos cuidadores em demonstrar sensibilidade. Além disso, a variação no comportamento da criança também pode ser identificada como antecedentes que tem relação estreita com o comportamento parental.

CONCLUSÕES GERAIS

Este trabalho teve como objetivo geral investigar se haveria diferença entre a interação em situação lúdica e de cuidado e, se uma intervenção implementada a partir de dados de uma situação de interação lúdica, via vídeo feedback aumentaria a frequência de comportamentos interativos nessa situação e na troca de fraldas. Dois estudos foram conduzidos para responder a esses objetivos.

Os dados obtidos no Estudo 1 mostraram que, com relação às mães, foram mais frequentes os comportamentos interativos positivos na situação lúdica e prevaleceu o de cuidar na situação de troca de fraldas. Entre os bebês apareceram com mais frequência os comportamentos interativos positivos na situação lúdica e, na situação de troca de fraldas prevaleceram comportamentos negativos e não interativos.

Considerando que a troca de fraldas também é um contexto propício para interações positivas, foi conduzido o Estudo 2. A partir da comparação entre as situações propostas de interação mãe-bebê em situação livre e de cuidado, foi identificado nos comportamentos maternos, que as mães se utilizaram muito dos objetos como mediador da interação e que houve alta frequência de comportamentos de cuidar não interativo na troca de fraldas, correlacionados com os comportamentos não interativos dos bebês.

Ao observar os comportamentos dos bebês, foi verificado envolvimento nas atividades propostas pela mãe de interação a partir de objetos na situação livre e apresentação de muitos comportamentos positivos de contato visual durante a troca de fraldas, os quais não foram respondidos à altura, devido ao grande envolvimento materno em cuidados não interativos, caracterizados pela realização de uma atividade de cuidado sem troca afetiva.

O estudo das análises sequenciais permitiu contribuir com a análise dos resultados das comparações entre pré e pós-teste dos comportamentos maternos e infantis, que previamente foram analisados individualmente, fornecendo evidências sobre o efeito da intervenção na situação lúdica.

Houve melhoria nos comportamentos maternos e do bebê na situação de troca de fraldas e generalização dos comportamentos aprendidos em outro contexto. Sugere-se que a hipótese da generalização seja testada a partir de uma pesquisa de seguimento, em que se possa observar esses comportamentos no decorrer do tempo e em outras situações de cuidado. Além disso, sugere-se um número expressivo de participantes para melhor robustez dos resultados decorrentes das análises estatísticas.

Foram identificadas limitações como o tamanho da amostra e a escolha da atividade de cuidado para observar a generalização. O estudo conduzido por Chiodelli, Santos e Rodrigues (submetido) mostrou que essa não é atividade que as mães gostam de fazer. Provavelmente porque interrompe outras atividades de rotina da mãe e, também, por não ser agradável. Ela foi escolhida pela praticidade, sem que fosse perguntado às mães quais as atividades de cuidado de preferência delas, ainda que fosse mais difícil de observar. Todavia, pelo fato de ser uma atividade que ocorre muitas vezes ao dia, observou-se que ela pode tornar-se um contexto no qual ocorrem situações de interações

positivas tanto para a mãe como para os bebês, que mantiveram mais contato visual e choraram menos no pós-teste.

REFERÊNCIAS

- ADESSI, A. R. Interação vocal entre bebês e pais durante a rotina de “troca de fraldas”, **Revista da ABEM**, v.20, n.27, p.21-31, 2012.
- AINSWORTH, M.; BOWLBY, J. An ethological approach to personality development. **American Psychologist**, v.46, n.4, p.333-341, 1991.
- ALSANCAK-AKBULUT, C.; SAHIN-ACAR, B.; SUMER, N. Effect of video-feedback intervention on Turkish mothers' sensitivity and physical intrusiveness: a randomized control trial. **Attachment & Human Development**, p.1-19, 2020.
- ALTAFIM, E. R. P.; LINHARES, M. B. M. Preventive intervention for strengthening effective parenting practices: A randomized controlled trial. **Journal of Applied Developmental Psychology**, 160-172, v.62, 2019.
- ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. Preditores do desenvolvimento social na infância: potencial e limitações de um modelo conceitual. **Interação em Psicologia**, v. 1, p. 103-112, 2007.
- ALVARENGA, P.; CEREZO, M.A. Interação mãe-criança: fidedignidade da versão brasileira do sistema observacional CITMI-R. **Avaliação Psicológica**, v.12, n.3, p.307-316, 2013.
- ALVARENGA, P.; MALHADO, S.C.B.; LINS, T.C.S. O impacto da responsividade materna aos oito meses da criança sobre as práticas de socialização maternas aos 18 meses. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 4, p. 305-314, 2014.
- ALVARENGA, P.; TEIXEIRA, J. N; PEIXOTO, A.C. Apego Materno-Fetal e a Percepção Materna acerca da Capacidade Interativa do Bebê no Primeiro Mês. **Psico**, Porto Alegre, v.46, n.3, p.340-350, 2015.
- ALVARENGA, P.; WEBER, L. N. D.; BOLSONI-SILVA, A. T. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. **Rev. Bras. Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.18, n.1, p.4-21, 2016.
- ALVARENGA, P.; PAIXÃO, C.; SOARES, Z. F.; da SILVA, A. C. Impacto da saúde mental materna na interação mãe-bebê e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil. **Psico**, Porto Alegre, v.49, n.3, p.317-327, 2018.
- ALVARENGA, P.; CEREZO, M. A.; WIESE, E.; PICCININI, C. A. Effects of a short vídeo feedback intervention on enhancing maternal sensitivity and infant development in low-income families. **Attachment & Human Development**, v.22, n.5, p.534-554, 2020.
- AQUINO, F. S. B.; SALOMÃO, N. M. R. Percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas dos bebês. **Psicologia: ciência e profissão**, v.31, n.2, p.252-267, 2011.

BAKEMAN, R.; QUERA, V. **Analyzing interaction**: sequential analysis with SDIS and GSEC. Cambridge: University Press, 1995.

BAKEMAN, R.; QUERA, V. **Sequential analysis and observational methods for the behavioral sciences**. Cambridge: University Press, 2011.

BAKERMAN-KRANENBURG; VAN IJZENDOORN; JUFFER, F. Less Is More: Meta-Analyses of Sensitivity and Attachment Interventions in Early Childhood. **Psychological Bulletin**, v.129, n.2, p.195-215, 2003.

BARRAT ROACH, Mother infant responsiveness: timing, mutual regulation, and interactional context. **Developmental Psychology**, v.37, n.5, p.684-697, 2001.

BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BEE, H; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BELSKY, J. **Mother-father-infant interaction**: a naturalistic observational study. 1979

BLACK et al. Advancing Early Childhood Development: from Science to Scale 1. **Lancet**, v.389, n.10064, p.77-90, 2017.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BRANGER, M. C. E.; EMMEN, R. A. G.; WOULDTRA, M. J.; ALINK, L. R. A.; MESMAN, J. Contexts matters: maternal and paternal sensitivity to infants in four settings. **Journal of Family Psychology**, v.33, n.7, p.851-856, 2019.

BRESSANI, M. C. L. **A comunicação da interação bebê-educadora**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

BROOMELL, A. P. R.; SMITH, C. L.; CALKINS, S. D.; BELL, M. A. Context of maternal intrusiveness during infancy and associations with preschool executive function. **Infant & Child Development**, v.29, 2019.

BRUM, E. H. M; SCHERMANN, L. Intervenção para promover a qualidade do vínculo mãe-bebê em situação de nascimento pré-termo. **Rev. Bras. Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.17, n.2, p.12-23, 2007.

CAMARGO J. F.; SALOMÃO, N. M. R.; AQUINO, F. S. B.; NUNES, L. L. Os gestos na comunicação mãe-bebê: um estudo longitudinal. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v.15, n.2, 2015.

CAMPOS, B. **Variáveis sociodemográficas, depressão pós-parto e a interação mãe-bebês de quatro a seis meses de idade**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2016.

CASSIANO, R. G. M.; LINHARES, M. B. M. Temperamento, prematuridade e comportamento interativo mãe-criança. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 28, n. 2, p.416-424, 2015.

CATANIA, A. C. Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição. v.4, Porto Alegre: **Arte Medica**, 1999.

CAVALCANTE, M. C. V.; FILHO, F. L.; FRANÇA, A. K. T. C.; LAMY, Z. C. Relação mãe-filho e fatores associados: análise hierarquizada de base populacional em uma capital do Brasil-Estudo BRISA. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n5, p.1683-1693, 2017.

CEREZO, M. A.; PONS-SALVADOR, G.; TRENADO, R.M. Interacción Temprana madre-hijo y factores que afectan negativamente a la parentalidad. **Psicothema**, v.18, n.3, p.544-550, 2006.

CEREZO, M. A.; PONS-SALVADOR, G.; TRENADO, R. La cualidad del apego infantil y sensibilidad materna desde la perspectiva microsocia. **Acción Psicológica**, v.8, n.22, p. 9-25, 2011.

CEREZO, M. A.; DASÍ, C.; RUIZ, J. C. Supporting parenting of infants: Evaluating outcomes for parents and children in a community-based program. **Evaluation and program planning**, n.37, p.12-20, 2013.

CEREZO, M. A. **Si los bebés hablaran**. Su asombroso mundo emocional, Madrid: Pirámide, 2019.

CEREZO, M. A.; PONS-SALVADOR, G.; TRENADO, R. M. The Temporal Dimension in Maternal Sensitivity Predicting Organized Attachment in Children. **Psychology, and Life Sciences**, v.23, n.1, p. 137-171, 2019.

CHIODELLI, T. Material não publicado do Exame Geral de Qualificação, 2020.

CHIODELLI, T.; SANTOS, L. M.; RODRIGUES, O. M. P. R. Interação mãe-bebê e temperamento: o relato materno.

COELHO, M. V.; MURTA, S. G. Treinamento de pais em grupos: um relato de experiência, **Estudos de Psicologia**, v.24, n.3, 2007.

CRESTANI, A. H.; MATTANA, F.; MORAES, A. B.; SOUZA, A. P. R. Fatores socioeconômicos, obstétricos, demográficos e psicossociais como risco ao desenvolvimento infantil. **CEFAC**, v.15, n4, p.847-856, 2013.

CROCE, M. **Interação mãe-bebê e o desenvolvimento de linguagem em bebê de três meses**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

CRUGNOLA, C. R.; IERARDI, E.; PERUTA, V.; MOIOLI, M.; ALBIZZATI, A. Video-feedback attachment-based intervention aimed at adolescent and young mothers:

effectiveness on infant-mother interaction and maternal mind-mindedness. **Early Child Development and Care**, 2019.

EGEREN, L. A. Van.; BARRATT, M. S.; ROACH, M. A. Mother infant responsiveness: timing, mutual regulation, and interactional context. **Developmental Psychology**, v.37, n.5, p.684-697, 2001.

ESHEL, N.; DAELMANS, B.; MELLO, M. C.; MARTINES, J. Responsive parenting: interventions and outcomes. **Bulletin of the World Health Organization**, v.84, n.12, p.992-999, 2006.

FARKAS, C.; RODRIGUEZ, K. A. Percepción materna del desarrollo socioemocional infantil: relación con temperamento infantil y sensibilidad materna. **Acta de Investigación Psicológica**, v.7, p.2735-2746, 2017.

FERREIRA, T. S. **Síndrome de Down: influências na interação mãe-bebê**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017.

FERREIRA, T. S.; RODRIGUES, O. M. P. R.; CAMPOS, B. C. Síndrome de Down: influências na interação mãe-bebê. **Psicologia Argumento**, v.36, n.94, p.414-436, 2018.

FERRI, M. R. La importancia del cambio de pañales a bebés. **Aula de infantil**, n.53, p.20-22, 2010.

FRANK, M. C.; VUL, E.; JOHNSON, S. P. Development of infants' attention to faces during the first year. **Cognition**, v.110, n.2, p.160-70, 2009.

FREITAS, S. L. D. **Responsividade materna: uma interpretação analítico-comportamental**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

FUERTE, M.; FARIA, A.; SOARES, H.; OLIVEIRA-COSTA, A. Momentos de interação em que as emoções se apre(e)ndem: estudo exploratório sobre a prestação materna e infantil em jogo livre, **Psicologia USP**, v.21, n.4, p.833-857, 2010.

FUERTE, M.; FARIA, A.; BEEGHLY, M.; LOPES-DOS-SANTOS, P. The Effects of Parental Sensitivity and Involvement in Caregiving on Mother–Infant and Father–Infant Attachment in a Portuguese Sample. *Journal of Family*. **American Psychological Association**, v.30, n.1, p.147–15, 2016.

FUGLESTAD, A. J.; DEMERATH, E.W.; FINSAAS, M. C.; MOORE, C. J.; GEORGIEFF, E. K.; CARLSON, F. M. Maternal executive function, infant feeding responsiveness and infant growth during the first three months. **Pediatric Obesity**, p.102-110, 2017.

FUKKINK, R. G. Video feedback in widescreen: A meta-analysis of Family programs. **Clinical Psychology Review**, n.28, p. 904-916, 2008.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL (FMCSV). **Guia de atividades para famílias de crianças de 0 a 6 anos:** atividades e brincadeiras para bebês de 0 a 18 meses. Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/guia-atividades-familias-criancas-0-6-anos/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

GASPARETTO, S.; BUSSAB, V. S. R. Padrões e estados comportamentais de recém-nascidos durante o banho em maternidade: possibilidades de regulação e trocas sociais, **Rev. Bras. Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.10, n.1, p.39-48, 2000.

GLOVER, V.; O'CONNOR. Effects of antenatal stress and anxiety: Implications for development and psychiatry. **The British Journal of Psychiatry**, v. 180, n. 5, p. 389-391, 2002.

HALLERS-HAALBOOM, E.; MESMAN, J.; GROENEVELD, M. G.; ENDENDIJK, J. J.; BERKEL, S.; LOTTE, D.; BAKERMANS-KRANENBURG, M. J. Mothers, fathers, sons and daughters: parental sensitivity in families with two children. **Journal of family psychology**, v.28, n.2, p.138-147, 2014.

HAYDU, V. B. Aprendizagem, desenvolvimento e adaptação. In: ZAMBERLAN, M. A. T. (Org). **Psicologia e prevenção:** modelos de intervenção na infância e na adolescência, p. 133-139, 2003.

HENRIQUE, C. A. **Uma possível explicação do “apego” sob o enfoque analítico-comportamental.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, 2016.

HOLOCHWOST, S. J. VOLPE, V. V.; IRUKA, I. U.; MILLS KOONCE, W. R. Maternal warmth, intrusiveness, and executive functions in early childhood: tracing developmental processes among African American children. **Early Child Development and care**, v.119, p.210-218, 2018.

HOROWITZ, J. A. et al. Promoting responsiveness between mothers with depressive symptoms and their infants. **Journal of Nursing Scholarship**, v. 33, n. 4, p. 323-329, 2001.

IRURITA-BALLESTEROS, C.; FALCÃO, D. V. S.; ROCINHOLI, L. F.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Saúde mental e apoio social materno: influências no desenvolvimento do bebê nos dois primeiros anos. **Contextos Clínicos**, v.12, n.2, 2019.

ISPA, J. M. et al. Intrusiveness, maternal warmth and mother toddler relationship outcomes: variations across low income ethnic and acculturation groups. **Child Development**, v.75, n.6, p. 1613-1631, 2004.

JUFFER, F.; STRUIS, E.; WERNER, C.; BAKERMANS-KRANENBURG, M. J. Effective preventive interventions to support parents of young children: Illustrations from the Video-feedback Intervention to promote Positive Parenting and Sensitive Discipline (VIPP-SD). **Journal of Prevention & Intervention in the Community**, v.45, n.3, p.202-214, 2017.

JUFFER, F.; M.J.B.; BAKERMANS-KRANENBURG, M. J. Working with Video-feedback Intervention to promote Positive Parenting and Sensitive Discipline (VIPP-SD): A case study. **Clin. Psychol**, v.74, p.1346–1357, 2018.

KEMPPINEN, K., KUMPULAINEN, K., RASANEN, E., MOILANEN, I., EBELING, H., HILTUNEN, P.; KUNELIUS, A. Mother-child interaction on video Compared with infant observation: is five minutes enough time for assessment? **Infant Mental Health Journal**, v.26, n.1, p.69-81, 2005.

KALMANSON, B.; SELIGMAN, S. Family-provider relationships: The basis of all interventions. **Infants & Young Children**, v. 4, n. 4, p. 46-52, 1992.

KELLER, H. Development as the interface between biology and culture: A conceptualization of early ontogenetic experiences. In: KELLER, H.; POORTINGA, Y. H.; SCHÖLMERICH, A. (Orgs.). **Between culture and biology: Perspectives on ontogenetic development**, p. 215-223, Cambridge: Cambridge Press, 2002.

KELLER, H. Cultures of infancy. **Mahwah**: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

KRISTENSEN, I. H.; SIMONSEN, M.; TRILLINGSGAARD, T.; KRONBORG, H. Videofeedback promotes relations between infants and vulnerable first-time mothers: a quasi-experimental study, **BMC Pregnancy and Childbirth**, v.17, n.1, 2017.

LAURIN, D. E.; GOBLE, C. B. Enhancing the diapering routine: caring, communication and development. **Yong Children**, v.73, n.3, p.18-25, 2018.

LEAL, G. A. S. **Responsividade materna durante o banho e amamentação**: análise da interação mãe-bebê no cárcere. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, 2018.

LENT, R. Neuroplasticidade. In: LENT, R (Org). **Neurociência da Mente e do comportamento**, p.111-132, Rio de Janeiro: Lab, 2008.

LIBERTUS, K; NEEDHAM, A. Reaching experience increases face preference in 3-month-old infants, **Dev. Sci**, v.14, n.6, p.1355-1364, 2014.

LUTHAR, S. S.; SAWYER, J. A.; BROWN, P. J. Conceptual issues in studies of resilience: past, present and future research, **New York Academy of Sciences**, p.105-115, 2006.

LYNGSTAD, L. T.; TANDBERG, B. S.; STORM, H. EKEBERG, B. L.; MOEN, A. Does skin-to-skin contact reduce stress during diaper change in preterm infants, **Early Human Development**, 169-172, 2014.

MAAS, A. J. B. M.; VREESWIJK, C. M. J. M.; BAKEL, H, J. A. van. Effect of situation on mother-infant interaction. **Infant Behavior and Development**, v.36, p.42-49, 2013.

MANGILI, V. R. **Indicadores de depressão pós-parto, ansiedade e estresse maternos**: influências sobre a interação mãe-bebê. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.

MARIN, A. H.; ALVARENGA, P.; POZZOBON, M.; LINS, T. C. S.; OLIVEIRA, J. M. Evasão em Intervenções Psicológicas com Pais de Crianças e Adolescentes: Relato de Experiência. **Psicologia: ciência e profissão**, n.39, p.1-14, 2019.

MARTINEZ-TORTEYA. Resilience among children exposed to domestic violence: the role of risk and protective factors. **Child Development**. v.80, n.2, p.562-577, 2019.

MCFADDEN, K. E.; TAMIS-LEMONDA, C. Maternal responsiveness, intrusiveness, and negativity during play with infants: contextual associations and infant cognitive status in a low-income sample. **Infant Mental Health Journal**, v.34, n.1, p.80-92, 2013.

MERMELSHTINE, R.; BARNES, J. Maternal responsive-didactic caregiving in play interactions with 10 months old and cognitive development at 18 months. **Infant and Child Development**, v.25, p. 296-316, 2016.

MOREIRA, B. M.; MEDEIROS, C. A. de. Aprendizagem pelas consequências: o reforço (Cap. 3, p. 47-62). In: MOREIRA, B. M.; MEDEIROS, C. A. de. **Princípios básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

MOREIRA, B. M.; MEDEIROS, C. A. de. Controle de estímulos: o papel do contexto (Cap. 6, p. 97-105) In: MOREIRA, B. M.; MEDEIROS, C. A. de. **Princípios básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

MOURA, C. B. de.; SILVARES, D.F.M.; JACOVOZZI, F.M.; SILVA, K. A. da.; CASANOVA, L.T. Efeitos dos procedimentos de vídeo feedback e modelação em vídeo na mudança de comportamentos maternos. **Rev. Bras. Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.9, n.1, 2007.

NARDI, C.G.A; RODRIGUES, O. M. P. R.; MELCHIORI, L. E.; TAVANO, L. D. Bebês com sequência de Pierre-Robin: saúde mental materna e interação mãe-bebê. **Estudos de Psicologia**. v. 32, n.1, p.129-140, 2015.

NILES, R.P.J.; SOCHA, K. A importância das atividades lúdicas na educação infantil. **Ágora**, v.19, n.1, p. 80-94, 2014.

NOMIKOU, I; ROHLFING, K. J. Language does something: body action and language in maternal input to three months old. **IEEE Transactions on Autonomous Mental Development**, v.3, n.2, 2011.

NOGUEIRA, S. C.; RODRIGUES, O. M. P. R.; ALTAFIM, E. R. P. Práticas educativas de mães de bebês: efeitos de um programa de intervenção. **Psicologia em Estudo**, v.18, n.4, 599-609, 2013.

OLIVEIRA, T. P.; GIL, M. S. C. A. Elementos fundamentais para a aquisição de operantes verbais por bebês: análise comportamental da “atenção

compartilhada”. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v.9, n.2, p.217-225, 2007.

PAIXÃO, C.; ALVARENGA, P. Effects of an Intervention on Social Competence of Children Surviving Brain Tumors. **Paidéia**, v.29, e2914, p.1-10, 2019.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. O estudo do desenvolvimento humano (Cap. 1, p.36-51). Em PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ARTMED, 2013.

PARDO, M. B. L.; CARVALHO, M. M. S. B. Grupos de orientação de pais: estratégias para intervenção. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v.5, n.2, p. 80-87, 2012.

PEDERRO, M. F. P. **Interação mãe-bebê com suspeita de deficiência auditiva e indicadores de saúde emocional materna: comparação com díade mãe-bebê ouvinte**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2018.

PEDERRO, M.; RODRIGUES, O. M. P. R. Interação mãe-bebê com deficiência: um estudo de revisão. **Revista Educação Especial**, v.32, 2019.

PHANEUF, L., MCINTYRE, L.L. Effects of individualized video feedback combined with group parent training on inappropriate maternal behavior. **Journal of Applied Behavior Analysis**, 40, 737-741, 2007.

PICCININI, C. A.; SEIDL-DE-MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P.; CHAHON, V. L.; BOSA, C. A.; OLIVEIRA, E. A.; PINTO, E. B. SCHERMANN, L. Diferentes perspectivas na análise da interação pais bebê/criança. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 14, n. 3, p. 469-485, 2001.

PICCININI, C. A.; MARIN, A. H.; ALVARENGA, P.; LOPES, R. C. S.; TUDGE, J. R. Responsividade materna em famílias de mães solteiras e famílias nucleares no terceiro mês de vida da criança. **Estudos de Psicologia**, v.12, n.2, p.109-117, 2007.

PINHEIRO, M. I. S; HAASE, V. G.; DEL PRETTE, A.; AMARANTE, C. L. D.; DEL PRETTE, Z. A. P. Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, n. 3, p. 407-414, 2006.

RIBAS, A. F. P.; SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS JUNIOR, C. R. Responsividade materna: levantamento bibliográfico e discussão conceitual. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.16, n.1, p.137-145, 2003.

RIBEIRO-ACCIOLLY, A. C. L. SEIDL-DE-MOURA, M. L.; MENDES, D. M. L. F. Maternal sensitivity in mother infant interactions in Rio de Janeiro – Brazil. **Attachment & Human Development**, 2018.

ROCHA, N. A. C. F.; dos SANTOS, S. F. P.; dos SANTOS, M. M.; DUSING, S. C. Impact of mother–infant interaction on development during the first year of life: A systematic review. **Journal of Child Health Care**, p.1-21, 2019.

RODRIGUES, O. M. P. R.; CHIODELLI, T. PEREIRA, V. A. Análise da interação mãe-bebê a partir do Interadiade. In: BENINCASA, M.; ROMAGNOLO, A. N.; HELENO, M. G. V. Maternidade, parentalidade e conjugalidade: novas perspectivas em psicologia perinatal. Curitiba: CRV, p.145-166, 2020.

RODRIGUES, O. M. P. R.; CAMPOS, B. C.; J. M. MARTINS; PADOVANI, F. H. P. Práticas e crenças maternas sobre cuidado e estimulação de bebês prematuros e a termo. **Mudanças - Psicologia da Saúde**, v.27, n.2, p.1-7, 2019.

SALDAN, P. C.; DEMARIO, R. L.; BRECAILO, M. K.; FERRIANI, M. G. C.; MELLO, D. F. de. Interação nos momentos da alimentação entre mães e crianças desnutridas menores de dois anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.20, n.1, p.65-74, 2015.

SANTOS, L. M. dos. **A interação mãe-bebê**: comparação entre situação lúdica e de cuidados. Relatório científico final IC FAPESP Processo nº 2016/10945-0, 54 p, 2017.

SCHECHETER, D. S.; MYERS, M. M.; BRUNELLI, S. A.; COATES, S. W.; ZEANAH, C. H.; DAVIES, M., et al. Traumatized mothers can change their minds about their toddlers: Understanding how a novel use of video feedback supports positive change of maternal attributions. **Infant Mental Health Journal**, v.27, n.5, p.429-447, 2006.

SCHIAVO, R.A. **Desenvolvimento infantil**: associação com estresse, ansiedade e depressão materna, da gestação ao primeiro ano de vida. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2016.

SCHIEFELIN, B. B.; OCHS, E. Language socialization. **Rev. Anthropolgy**, 15, p. 163-191, 1986.

SCHLINGER, H. D. Theory in behavior analysis: An application to child development. **The American Psychologist**, v.47, n.11, p.1396-1410, 1992.

SEIDL-DE-MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite a reflexões teóricas. In: SEIDDL-DE-MOURA, M.L. (Org.) **O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento**, São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 21-59, 2004.

SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. Pesquisa observacional e o estudo da interação mãe-bebê. In: PICCININI, P.A.; SEIDDL-DE-MOURA, M.L. (Orgs) **Observando a interação pais-bebê-criança**, São Paulo: Casa do Psicólogo, p.103-130, 2007.

SEIDL-DE-MOURA, M.L. et al. Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.21, n.1, p.63-73, 2008.

SEIDL-DE-MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. **Bebês recém-nascidos**: ciência para conhecer e afeto para cuidar, descubra as capacidades dos bebês. Curitiba: Juruá, 2012.

SHOEMAKER, N. K.; JAGERSMA, G.; STOLTENBORGH, M.; MARAS, A.; VERMEER, H. J.; JUFFER, F.; ALINK, L. R. A. The effectiveness of video-feedback intervention to promote Positive Parenting for Foster Care (VIPP-FC): study protocol for a randomized controlled trial. **BMC Psychology**, v.6, n.38, 2018.

SHONKOFF, J. P.; GARNER, A. S. The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. **Pediatrics**. v.129, n.1, p. 1-118, 2012.

SHONKOFF, J.P.; FISHER, P. A. Rethinking evidence-based practice and two-generation programs to create the future of early childhood policy. **Development and Psychopathology**, v.25, p.1635-1653, 2013.

SHONKOFF, J. P. Breakthrough impacts: what Science tell us about supporting early childhood development. **Young Children**, v.72, n.2, p.8-16, 2017.

SILVA, N. C. B.; NUNES, C. C.; BETTI, M. C. M.; RIOS, K. S. A. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia**, v.16, n.2, p.215–229, 2008.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, p.101-108, 2003.

SMALING, H. J.; HUIJBREGTS, S. C. J.; HEIJDEN, K. B.; HAY, D. F.; GOOZEN, S. H. M.; SWAAB, H. Prenatal reflective functioning and development of aggression in infancy: the roles of maternal intrusiveness and sensitivity. **J Abnorm Child Psychology**, v.45, p.237-248, 2017.

SNOW, C. Mother's speech research: from input to interaction, **Cambridge University Press**, 1977.

SOARES, F. Z. **Adaptação de uma intervenção breve sobre a responsividade de mães de bebês hospitalizados**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, 2019.

SOUZA, C. B. A. Uma proposta de análise funcional da aquisição da linguagem: resultados iniciais. **Interação em Psicologia**, v.7, p. 83-91, 2003.

SOUZA, C. B. A.; AFFONSO, L. R. Aquisição de pré-requisitos da linguagem: padrões comportamentais na interação criança-acompanhante. **Interação (Curitiba)**, v. 11, p. 43-54, 2007.

TAMIS-LEMONDA; C.S.; BORNSTEIN, M.H.; BAUMWELL, L. Maternal Responsiveness and Children's Achievement of Language Milestones. **Child Development**, v. 72, n. 3, p. 748–767, 2001.

TRENADO, R. M.; PONS-SALVADOR, G.; CERESO, M. A. Interacción Temprana: Evaluación de la Fiabilidad del Sistema Observacional CITMIR, Versión Inglesa. **Rev. Electrónica de Metodología Aplicada**, v. 19, n.1, p. 31-43, 2014.

TUDELLA, E.; TOLEDO, A. M.; LIMA-ALVAREZ, C. D. **Evidências para a prática clínica em lactentes de risco**, Curitiba: Appris, 375, p. 2019.

UZIEL, D. O desenvolvimento do cérebro e do comportamento. In: Neurociência da mente e do comportamento. In: LENT, R (Org). **Neurociência da Mente e do comportamento**, Rio de Janeiro: Lab, 2008, p.89-109.

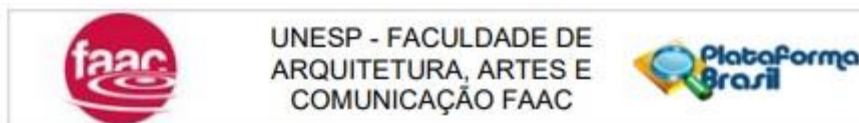
WEDLAND-CARRO, J.; PICCININI, C. A.; MILLAR, W. S. The role of na early intervention on enhancing the quality of mother-infant interaction. **Child Development**, v.70, n.30, p.713-721, 1999.

WERNER, C. D.; VERMEER, H. J.; LINTING, M.; IJZENDOORN, M. H. van. Videofeedback intervention in center-based care: a randomized controlled trial. **Early Childhood Research Quarterly**, v.42, p. 93-104, 2018.

WORLD HEALTHY ORGANIZATION. Coronavírus disease (COVID-19) pandemic. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ANEXO E APÊNDICES

ANEXO. Parecer do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Bebês prematuros: programa de estimulação ao desenvolvimento e apoio emocional às mães

Pesquisador: Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 67333517.2.0000.5663

Instituição Proponente: SORRI-BAURU

Patrocinador Principal: Ministério da Saúde

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.088.004

Apresentação do Projeto:

O projeto está muito bem fundamentado, justificado, e com coerência entre os objetivos e os procedimentos metodológicos. Aborda temática de grande relevância e atualidade para a área da saúde, e decorre de uma parceria com o Centro de Reabilitação SORRI BAURU. Tem, portanto, garantidas as condições de exequibilidade.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa apresenta como objetivos promover o desenvolvimento de bebês prematuros a partir de uma sistemática de avaliações, identificar indicadores emocionais de mães de bebês, e preparar agentes de saúde para identificação precoce de alterações do desenvolvimento dos bebês. Os objetivos estão, portanto, claramente definidos, e os procedimentos metodológicos são adequados para contemplar os objetivos propostos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são mínimos ou mesmo inexistentes, uma vez que os procedimentos metodológicos são baseados principalmente em avaliações com instrumentos de avaliação já consolidados, e os benefícios são evidentes, com o conhecimento produzido tendo potencial para importantes contribuições para a área da saúde.

Endereço: Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Camargo Coube nº 14-01
Bairro: VARGEM LIMPA **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-6055 **E-mail:** sta@faac.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS DE BAURU
- JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Prematuridade: percepção materna, saúde emocional materna, interação mãe bebê e desenvolvimento infantil

Pesquisador: Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 64920817.9.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.958.940

Apresentação do Projeto:

No presente projeto pretende-se identificar quais fatores influenciam a percepção materna da condição de internação do bebê na UTI Neonatal e, também, analisar a influência da prematuridade, da saúde mental materna e da percepção das mães da condição do bebê quando internado, sobre o desenvolvimento infantil e a interação mãe bebê.

Objetivo da Pesquisa:

São descritos de forma clara e correspondem as escolhas dos métodos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Estão devidamente apresentados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os procedimentos metodológicos sugeridos estão condizentes com as necessidades e os objetivos propostos pelo projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Pertinentes e devidamente apresentados.

Recomendações:

Nada a declarar.

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-6087

Fax: (14)3103-6087

E-mail: animala@fc.unesp.br

APÊNDICE A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente instrumento atende às exigências da Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional da Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Eu, _____, portador/a da cédula de identidade _____, pai (mãe) da(o) menor _____, após leitura deste documento e explicações dadas pela pesquisadora sobre a pesquisa, autorizo a utilização dos dados obtidos no projeto: **"Prematuridade: percepção materna, saúde emocional materna, interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil"**, para eventual comunicação, publicação e/ou reprodução dos mesmos em trabalho científico, ressaltando o sigilo e a ética no que se refere a qualquer informação que permita a identificação minha ou de meu filho. Estou ciente de que não teremos nenhum ônus referente a participação na mesma e que poderei deixar de participar a qualquer tempo sem prejuízo de outras atividades que participo na SORRI – Bauru. Fui informado que em caso de dúvida deverei procurar a responsável pelo projeto, a Profa. Dra. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, que deverá ser contatada pelo telefone (14) 3103 6090. O projeto tem como objetivos: promover o desenvolvimento motor, social, cognitivo e de linguagem de bebês prematuros, a partir de uma avaliação inicial e reavaliações trimestrais, encaminhando-os para avaliações mais acuradas nas diferentes especialidades e identificar indicadores emocionais de mães de bebês, antes e depois da participação em programas de atendimento terapêutico.

Caso o/a participante da pesquisa queira apresentar reclamações em relação a sua participação na pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP, campus de Bauru, sito na Avenida Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01.

Por estar de acordo assina o presente termo.

Bauru, ____ de _____ de _____

Assinatura do responsável

APÊNDICE B. Entrevista inicial



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



ENTREVISTA INICIAL

Nº CPA _____/_____/_____ Data de início no projeto ____/____/_____
 Identificação do Bebê:
 Nome: _____ Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/_____
 Natural de: _____ Estado: _____
 Filiação-Pai: _____ Idade: _____
 Profissão: _____ Escolaridade: _____
 Mãe: _____ Idade: _____
 Profissão: _____ Escolaridade: _____
 Endereço: _____ Nº: _____
 Cidade: _____ CEP: _____ Fone: _____
 Entrevistado: () Mãe () Pai () Ambos () Outros _____

Dados sobre a família:
 () Família Natural () Família Adotiva () Pai Falecido
 () Mãe Falecida () Pais Separados () Pais desquitados
 () Divorciados () Mãe Solteira () Outros _____

Membros da família: (incluir também o bebê e outros moradores)

	Nome	Idade	Instrução	Profissão	Salário	Trabalho (horário)	Estado Civil
Pai							
Mãe							
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
Outros							

Meios de Locomoção:
 () Condução Própria () Transporte Municipal (ônibus)

Av. Sérgio Luis Edmundo Corrêa Coutinho, 14-01, Vergueiro Limpo, Marília - SP
 CEP 13103-360 - Fone: 14 3113-0050 - E-mail: cpa@fci.unesp.br site: www.fci.unesp.br/cpa





UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



() Transporte Inter municipal () Outro _____

Informações Anteriores ao nascimento do bebê:

Saúde da mãe antes da gestação: () boa () ruim _____

Saúde do pai antes da gestação: () boa () ruim _____

Mãe fumante: () SIM () NÃO Pai fumante: () SIM () NÃO

Saúde da mãe durante a gestação: () boa

Número de consultas pré-natais realizadas: _____

Doenças: _____ Tratamento: _____

Internação (motivo): _____ Duração: _____

Ameaça de aborto: () Não () Sim Provável: _____

A gravidez foi planejada: () Sim () Não Caso não: qual foi sua reação? _____

Apresentou outros problemas durante a gravidez? () Sim () Não

Quais: _____

Causa de risco identificada: _____

Soube das condições do bebê antes do nascimento? () Sim () Não

Caso sim Quem deu a notícia? _____ Quando? _____

Como? _____

Quem estava com você? _____

Que orientações recebeu? _____

Como se sentiu diante disso? _____

Que atitudes tomou inicialmente? _____

Condições do Nascimento:

Local: () Hospital () Residência () Outros _____

Tipo de parto: () Vaginal Natural () Vaginal Fórceps () Cesárea

Caso cesárea, foi marcada antecipadamente? () Sim () Não

Houve problemas durante o parto? () Sim () Não Quais? _____

Necessidade de manobras de reanimação: () Sim () Não () Ignorado

Internação hospitalar (do bebê): () Não () Sim Motivo: _____

Duração: _____

Semanas de gestação: _____ Peso ao nascer: _____ Altura: _____ Índice de Apgar: _____

Problemas de Saúde: () Não () Sim Motivo: _____

Tratamento Indicado: _____



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



Quem deu a informação sobre a condição do bebê? _____
 Quanto tempo depois do parto? _____
 Como foi dada a notícia? _____
 Quem estava com você? _____
 Como se sentiu ao receber estas informações? _____
 Que orientações recebeu? _____
 Como você avalia a forma como a notícia foi dada a você? _____
 As informações poderiam ter sido de outra forma? Como? _____
 Gostaria de ter mais informações sobre a condição do seu bebê, orientado durante o primeiro ano de vida?
 Sim () Não () Quais? _____
 Gostaria de participar de um projeto para acompanhar o desenvolvimento de seu bebê, orientado durante o primeiro ano de vida? Sim () Não ()
 Haveria alguma dificuldade em participar do projeto de acompanhamento de bebês?
 Sim () Não () Quais? _____
 Informações sobre o bebê atualmente:
 Problemas de saúde: () Não () Sim Motivo: _____
 Tratamento indicado: _____
 Alimentação: () Seio () Seio e mamadeira () Mamadeira () Outros _____
 Peso atual: _____ Altura: _____
 Estagiário: _____ Data: __/__/__

Av. Dr.º Luiz Edmundo Corrêa Coutinho, 14-01, Vergem Limpa, Bauru - SP
 CEP 13083-900 - Fone: 14 3103-6560 - E-mail: cpa@unesp.br - site: www.fci.unesp.br/cpa



APÊNDICE C. Questionário de avaliação pós-intervenção

Questionário de aplicação pós-intervenção

No do caso:
Nome da mãe:
Nome do bebê:

Data:
Idade:
Idade:

INSTRUÇÕES

Trata-se de um questionário sobre as atividades que foram desenvolvidas com você e seu bebê. As respostas são sigilosas e é recomendável que você responda com sinceridade.

Para as questões 1 e 2, assinale a alternativa que julgar que faça mais sentido a você de acordo com a escala:

(1) muito ruim (2) ruim (3) regular (4) bom (5) muito bom

1. Como você avalia as 3 etapas da pesquisa? (Etapa 1: filmagem de interação livre e troca de fraldas; Etapa 2: conversa sobre interação a partir de trechos da filmagem; Etapa 3: filmagem de interação livre e troca de fraldas).

(1) (2) (3) (4) (5)

2. Como você avalia a Etapa 2?

(1) (2) (3) (4) (5)

3. Você acredita que o contato que teve com a pesquisadora durante a Etapa 2 auxiliou na sua forma de interagir com o seu bebê?

() Sim () Não

Caso tenha respondido SIM, poderia dar um exemplo?

Caso tenha respondido NÃO, poderia dizer o que pode ter faltado?

3. Como você se sentiu durante as filmagens (etapa 1 e 3)?

- a.() Bem
- b.() Normal
- c.() Desconfortável
- d.() Mal
- e.() Outro

Caso tenha assinalado a alternativa c, d ou e, pode me contar o que a incomodou, a deixou mal ou o que você descreveria como "outro"?

4. Você gostaria de dizer algo que não foi abordado no questionário?
